

Economia

MENSAGEM DE FIM DE ANO DO GOLDMAN SACHS  
CEO anuncia que fará novos cortes

Desmissões vão ocorrer em janeiro. Banco pode reduzir 8% do quadro de pessoal



ALTA DO CUSTO DE VIDA

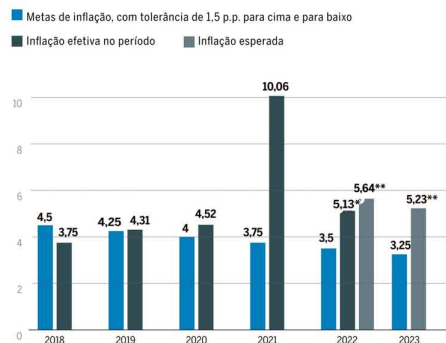
# O DESAFIO DA INFLAÇÃO

## Em 2023, pressão deve vir de preços administrados, como energia e combustíveis

CAROLINA NALIN  
carolina.nalin@fieglobo.com.br

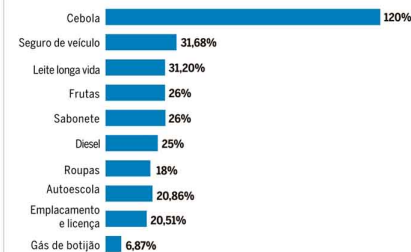
O COMPORTAMENTO DO ÍNDICE

Taxas anuais em %



Os vilões da inflação em 2022

Os itens que mais subiram neste ano



Fonte: IBGE - Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo e Banco Central do Brasil \*Até novembro de 2022 \*\*Projeções do Boletim Focus

Editoria de Arte

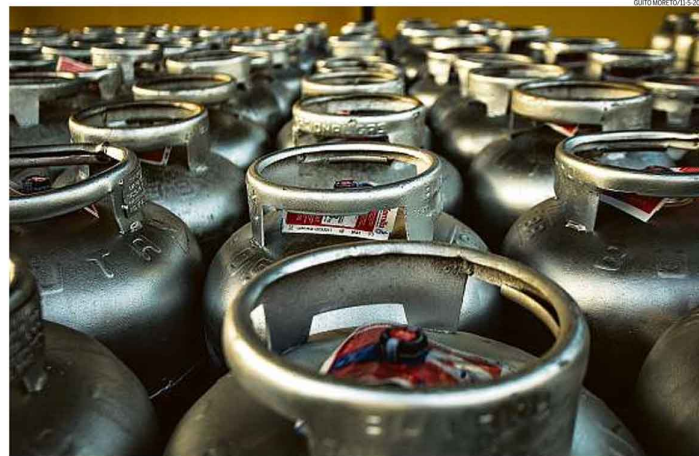
O ano de 2023 se anuncia desafiador com relação aos preços praticados ao consumidor. Depois de três anos de inflação sob pressão, economistas explicam que os preços se encontram em um novo patamar pós-pandemia. E reduzi-los será uma tarefa árdua, com chances de a inflação terminar 2023 no mesmo nível deste ano. Se em 2022 alimentos e serviços foram os principais vilões, a expectativa é que os preços administrados pesem mais daqui para frente, já que uma série de incertezas fiscais ronda o cenário. No curto prazo, o impasse sobre a desoneração dos combustíveis pode pesar no bolso do brasileiro.

O Índice de Preços ao Consumidor (IPCA) — medido pelo IBGE e que deve encerrar este ano com alta de 5,64% — tende a terminar o ano que vem próximo a 5,23%, segundo mediana das projeções do Boletim Focus, do Banco Central (BC). Será o terceiro ano seguido de estouro da meta de inflação. Para 2023, a autoridade monetária estabeleceu a meta de 3,25%, com intervalo de tolerância de 1,5 ponto percentual para cima (4,75%) ou para baixo (1,75%).

Economistas explicam que, uma vez que o patamar de preços sobe, não é tarefa fácil sair rapidamente desse nível de inflação alta — fenômeno que ocorre no Brasil e no mundo hoje. Este ano, o consumidor brasileiro sentiu o peso da inflação em itens como leite longa vida, que teve alta de 31%; frutas, que subiram 26%; vestuário, que aumentou 22,84%; e gás de botijão, que foi reajustado em 6,87%.

Roberto Padovani, economista-chefe do banco BV, lembra que a economia mundial sofreu choques de preços de alimentos e combustíveis a partir de 2021. Aos poucos, o mundo entrou em processo de desinflação, dado que os bancos centrais elevaram as taxas de juros. Mas a principal dúvida, segundo ele, é a velocidade com que essa desaceleração dos preços vai ocorrer e se ela será suficiente para alcançar as metas de inflação. Padovani projeta IPCA de 5,6% este ano e de 5,5% em 2023.

— O que estamos assistindo no Brasil e no mundo é uma luta de alto custo econômico, social e político para se reduzir o ritmo de alta dos preços. O desafio da desinflação é alto. É um processo que exige muito esforço e muito custo em termos de crescimento econômico. E, no caso brasileiro, você tem gastos do governo adiante, o que torna mais difícil o processo de redução da inflação



Pós-pandemia. O gás de botijão teve alta de 6,87% em 2022; após três anos de inflação sob pressão, economistas explicam que preços se encontram em novo patamar

**Q** “O desafio da desinflação é alto. É um processo que exige muito esforço e muito custo em termos de crescimento econômico. No caso brasileiro, você tem gastos do governo adiante, o que torna mais difícil o processo de redução da inflação”

Roberto Padovani, economista-chefe do banco BV

“São três anos de inflação muito acima da meta, o que coloca uma pressão muito grande em cima do BC”

Sergio Vale, economista-chefe da MB Associados

— comenta o economista. Se os vilões da inflação este ano foram alimentação e serviços, a inflação em 2023 deverá subir por conta dos preços administrados, como combustíveis e energia elétrica. O principal ponto de incerteza hoje se refere ao impasse sobre a continuidade ou não da isenção dos impostos federais (PIS/Cofins e Cide) sobre os combustíveis, zeração pelo governo Bolsonaro este ano como estratégia para frear a inflação.

REVISÃO DAS PROJEÇÕES

O futuro ministro da Fazenda, Fernando Haddad, pediu ao atual governo que não prorrogue a isenção de impostos sobre os combustíveis. Essa redução só vale até amanhã. A partir de 1º de janeiro, os impostos sobre gasolina, diesel e gás de cozinha voltam a subir.

— O risco de inflação no

ano que vem é em função do forte apetite por gastos públicos do governo eleito, que pode levar à elevação dos impostos sobre combustíveis como forma de melhorar a arrecadação. Isso poderia impedir uma desaceleração maior da inflação. Mas é possível que esse aumento nos impostos dos combustíveis aconteça por conta da queda do preço do petróleo no mercado internacional, e aí o impacto para o consumidor não seria tão grande — avalia Luciano Rostagno, estrategista-chefe do banco Mizuho, que passou a projetar IPCA de 5,7% ante 5,3% em 2023, em razão da volta dos impostos sobre os combustíveis.

A possibilidade de retorno dos tributos sobre os combustíveis é o principal ponto de atenção também do Credit Suisse, disseram analistas. Mesmo sem a volta dos impostos, o banco suíço já projetava IPCA com alta de

quase 6% ano que vem. “Esperamos inflação do IPCA de 5,9% em 2022 e, sem a devolução dos impostos sobre combustíveis, de 5,8% em 2023”, pontuaram Solange Srour, Rafael Castillo e Francisco Lima Filho, em relatório.

Nos cálculos do economista Tiago Sbardelotto, da XP Investimentos, o retorno dos impostos federais sobre combustíveis deve elevar o IPCA em 0,51 ponto percentual em 2023. O efeito já está previsto pela corretora, que projeta inflação de 5,4% no ano que vem.

O Itaú Unibanco também incorporou à projeção de inflação em 2023 a volta do PIS/Cofins sobre os combustíveis. Além disso, prevê uma desinflação mais lenta de serviços com ganhos de salário reais.

Sergio Vale, economista-chefe da MB Associados, que projeta 5,3% de inflação

no ano que vem com a volta dos impostos, acrescenta que há outras incertezas no cenário. Segundo ele, será preciso acompanhar o câmbio e a trajetória da inflação dos alimentos diante de uma demanda ainda pressionada no ano que vem.

— É uma inflação que tem riscos para cima. A gente precisa esperar os primeiros movimentos do governo para consolidar uma inflação um pouco mais baixa do que neste ano. De qualquer maneira, são três anos de inflação muito acima da meta, o que coloca uma pressão muito grande em cima do Banco Central, para que ele não perca de novo a meta em 2024.

JUROS: ALTA POR MAIS TEMPO

A perspectiva de inflação alta, junto a incertezas, tem levado economistas a considerar juros em patamar elevado por mais tempo, com espaço menor para cortes a longo do próximo ano. A taxa básica de juros, a Selic, atualmente está em 13,75% ao ano. “Esperamos cortes apenas no último trimestre de 2023, para 12,50% (antes, 11%)”, destacou o Itaú Unibanco em relatório.

Rostagno, do Mizuho, projeta um ciclo moderado de corte de juros somente a partir de setembro. E pondera que, a depender a evolução dos gastos do governo e do cenário externo, pode ser que o Banco Central nem tenha espaço para reduzir a Taxa Selic no ano que vem.

— A gente está postergando o ciclo de corte de juros. O risco é voltarmos para o equilíbrio ruim da política econômica, com política fiscal muito expansionista demandando política monetária bastante restritiva, e essa combinação levando a um crescimento econômico baixo e com inflação alta.